

O Ensino Coletivo de Violão na Fundação Estadual Curro Velho em Belém do Pará: Estratégias Pedagógicas Diante da Heterogeneidade da Turma

Rafael Sousa Aires
Universidade Federal do Pará- UFPA
Rafael.airesmusic@gmail.com

Comunicação

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar as estratégias pedagógicas adotadas por três professores de música nas oficinas de violão da Fundação Estadual Curro Velho. Estas oficinas são ofertadas sem discriminação, tendo como resultado dessa oferta a formação de turmas heterogêneas em vários aspectos, bem como idade, nível de habilidade instrumental e a diversidade do corpo discente no que concerne a presença de alunos portadores de deficiências. Diante dessa realidade buscamos analisar como os professores lidam com o ensino coletivo de violão nesse tipo de turma. O ensino coletivo é democrático e inclusivo, tornando possível o acesso a música a pessoas de todas as idades. Mas devemos ter em mente que a inclusão musical deve ser feita de maneira responsável e adequada para todos. Neste trabalho discutimos ainda a respeito da pedagogia musical aplicada pelos professores frente a estas turmas tão heterogêneas, analisando até que ponto é possível o ensino coletivo de violão neste contexto. Esta modalidade de ensino vem crescendo e ganhando cada vez mais espaço em lugares formais e não formais, todavia há uma carência muito grande de material didático disponível para estes professores especificamente. Nesse sentido, este trabalho traz algumas ideias e estratégias pedagógicas que possam auxiliar aos professores no ensino coletivo de violão. Por fim, destacamos alguns pontos importantes nas aulas de cada professor, analisado nesta pesquisa, que podem contribuir para uma reflexão acerca da pedagogia do ensino coletivo de violão e de instrumentos musicais em geral.

Palavras chave: Heterogeneidade das turmas. Ensino coletivo inclusivo. Estratégias pedagógicas.

1 O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E SUAS PECULIARIDADES

O ensino coletivo de instrumentos musicais (ECIM) é uma proposta de trabalho que vem sendo adotada por muitos professores de música em várias regiões do país (Brazil, 2011). Essa proposta de ensino vem ganhando novos adeptos a cada ano (TEIXEIRA, 2008). Por outro lado, o ensino coletivo de instrumentos musicais com turmas heterogêneas tem sido um desafio para muitos professores em vários lugares do Brasil. Turmas compostas por muitos alunos de idades diferentes, habilidades musicais distintas têm dificultado o trabalho de professores de música no país inteiro. Mas através desse modelo de ensino abriu-se mais uma janela no ensino da música, porém, agora, além de agregar um maior número de alunos em aulas de instrumento, esses alunos possuem diversas diferenças entre si, ou seja, turmas heterogêneas.

Nesta pesquisa abordamos a problemática acerca do ensino coletivo de violão em turmas heterogêneas em um contexto de ensino informal, na Fundação Estadual Curro Velho, em Belém do Pará. Buscamos respostas para os desafios encontrados em aulas com turmas heterogêneas, entendendo essa heterogeneidade em vários sentidos, como define Hess (2001) apud Morais (2011): turma heterogênea.

É composta por alunos que diferem não só de forma multicultural, mas também em sua capacidade de aquisição de conhecimentos em suas habilidades. Podendo ser classificada em termos de idade, motivação, interesses, inteligência, conhecimento das competências, atitudes e autodisciplina. (HESS, 2001, apud MORAIS, 2011, p. 25).

Compreendemos que o ensino coletivo de instrumentos musicais é inclusivo, democratizador e oportuniza o ensino musical para um maior número de pessoas (CRUVINEL, 2003). Mas, o ensino coletivo, pelo fato de agregar um maior número de indivíduos, acaba formando turmas que são heterogêneas nos mais variados sentidos acarretando, dessa forma,

“problemas” onde o professor deverá buscar possíveis adaptações metodológicas para essa modalidade de ensino.

O ensino coletivo com turmas heterogêneas, geralmente acontece no âmbito do ensino informal. Arroyo (2000) apud Morais (2011) define ensino informal como “ensino não oficial” ou “não escolar”, caracterizado por aulas em espaços não tradicionais de ensino, como projetos, ONGs, oficinas e igrejas.

É importante ressaltarmos também que ensino coletivo de instrumentos musicais não é ensino coletivo de instrumentos em grupo, há uma significativa distinção entre essas modalidades de ensino. Oliveira (2010), ao tratar da questão apresenta as seguintes definições:

O ensino de instrumentos em grupo é aquele em que, dentro de um mesmo espaço e tempo, um grupo de alunos segue orientações de um professor e as realizam, porém, individualmente, ou seja, as atividades são realizadas simultaneamente, mas não integradas, entre os colegas. Nessa instância de aprendizagem não se contribui e não se recebe contribuição; em resumo, não se produzem trocas, não se preveem efeitos; simplesmente, as atividades acontecem ao mesmo tempo. Já o ensino coletivo de instrumento musical permite e implica a troca de relações importantes para o desenvolvimento de cada um; ou seja, existe uma relação social de dependência, pois todos participam juntos de um mesmo discurso. Tendo isso em mente, uma das possibilidades de trabalho dentro de uma turma heterogênea é a do arranjo ou adaptação, de acordo com o nível de cada grupo de alunos da turma. (OLIVEIRA, P. A. D. de, 2010, p. 24-25, grifo do autor).

O ensino coletivo de instrumentos com turmas heterogêneas já pode ser visto no Brasil em alguns lugares. Verônica Gurgel (2013) desenvolve trabalhos com turmas heterogêneas em escolas públicas de Brasília, que são chamadas de “oficinas de violão”, e possui um caráter informal. Greif (2013) desenvolve aulas com turmas heterogêneas em grupos de choro, no Rio de Janeiro. Também temos o Projeto Guri, em São Paulo, que é um dos ícones dessa modalidade de ensino. No Pará, temos as escolas de música da Universidade Federal, onde temos disciplinas de instrumento em grupo. Inclusive Camargo (2009), em sua tese de doutorado retratou sobre o

ensino em grupo e teve como base de sua pesquisa sua larga experiência com turmas de piano da universidade. A escola de música da Universidade Federal do Pará também oferece cursos livres no modelo de ensino coletivo. Ainda em Belém, temos o Conservatório Carlos Gomes, que oferta cursos de violão popular nessa modalidade de ensino.

Sobre essa nova possibilidade de pedagogia musical Tourinho ressalta que devemos arriscar, inovar e buscar novas ferramentas que irão condizer com a atual realidade da educação musical.

[...] o ensino não deve ser a repetição de velhas ações que muitas vezes não funcionam em novos espaços e tempos, mas nem sempre o professor desenvolve técnicas e possibilidades de fazer diferente. Na verdade, não é possível 'conservar' a música como algo estático e imutável, mas foi dessa forma que muitos foram ensinados, a preservar as tradições de pedagogia, usar os mesmos procedimentos metodológicos, um repertório no qual se sentisse 'seguro' e confortável. Fazer diferente é um risco e um desafio, muitas vezes sem condições físicas e materiais mínimas proporcionadas nas próprias escolas de música. (TOURINHO, 2003, p.3).

O que temos visto durante o processo de leituras, pesquisas e algumas vivências, é que essa modalidade de ensino traz novas possibilidades pedagógicas e novas formas de aprendizagem.

1.1 Um breve histórico do ensino coletivo de instrumentos musicais

Pelo o que a história nos conta, o ensino coletivo de instrumentos musicais nasceu pela necessidade que ainda hoje existe: pouco tempo para ensinar e muita gente querendo aprender. É o que vemos quando olhamos para a história do ensino coletivo. Tourinho (TOURINHO, 2014) conta que os primeiros registros acerca do ensino coletivo de instrumentos musicais datam do século XIX, na Inglaterra, com notícias acerca do ensino de piano, em classes que atendiam mais

de um aluno por vez. Rapidamente esta modalidade de ensino foi levada para os Estados Unidos onde teve grande penetração, com missionários protestantes que viajavam para cidades remotas, ensinando pessoas a cantar. Como ensinar a tocar piano e instrumentos de corda passou também a ser requerido como parte do trabalho missionário, e não havia tempo para ministrar aulas individuais, as aulas coletivas de instrumentos musicais passaram a fazer parte do trabalho missionário e se estenderam para as escolas de músicas das cidades.

Cruvinel (2005) também acredita que essa forma de ensino tenha surgido na Europa em no início do séc. XIX e logo chegado aos Estados Unidos. Oliveira (1998) também confirma o que foi dito por Tourinho. Ele relata que os professores viajavam ensinando cantos religiosos de forma coletiva nas cidades, e logo passaram a ensinar instrumentos de cordas também.

Montandon (2014) afirma que o ensino coletivo de piano teve início em 1815 quando o professor de Piano Alemão, Johann Bernhard Logier, residente em Londres desde o ano de 1805 passou a desenvolver um sistema de aulas de piano em grupo em sua academia em Dublin, ao qual denominou de 'Novo Sistema de Educação Musical' de acordo com o nome de seus livros instrucionais.

Desde então, o ensino coletivo de instrumentos musicais foi ganhando forma, consistência e aceitação de alguns, uma vez que os resultados e expectativas eram empolgantes.

1.2 O ensino coletivo de violão no Brasil

A primeira experiência relatada e documentada de um curso de ensino coletivo de violão no Brasil remete ao ano de 1989, quando foi criada a primeira turma com quase 30 alunos no curso de extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tourinho (2014) relata que começou a pensar em ensino coletivo quando observou as aulas das classes coletivas de piano para crianças ministradas por Alda Oliveira e Diana Santiago, na EMUS-UFBA. Alguns anos mais tarde, Tourinho começa a sistematizar princípios e atividades para o ensino coletivo de violão,

resumindo teoria e prática, e que hoje se encontram balizados tanto na literatura especializada quanto através de troca de experiências com outros professores.

Vários motivos levaram Tourinho a iniciar seu trabalho com ensino coletivo de violão, como ela conta em seu relato sobre sua experiência pessoal. O principal motivo foi em relação a quantidade de alunos que buscavam a Escola de Música a cada semestre, sempre superando o número de vagas ofertadas. Na época (1989), as aulas na EMUS-UFBA eram tutoriais e atendiam os alunos da Graduação, e apenas poucas horas eram ofertadas para os cursos de extensão, deixando dessa forma uma fila enorme de candidatos em espera. Outro motivo que levou Tourinho a iniciar seu trabalho com ensino coletivo era a forma de ingresso, apenas para os que liam partitura musical. A professora destaca que na época o ensino de música na escola regular era quase inexistente, e o acesso à leitura musical estava restrito aos poucos que podiam pagar por um curso ou professor particular. O terceiro motivo que a levou ao ensino coletivo foi sua própria inquietação acerca do tempo que o aluno passava apenas em aulas isoladas. Tourinho dizia: “Porque não aproveitar a interação entre pessoas, a auto-observação, ou mesmo provocar situações classe para isso acontecer? O isolamento do aluno iniciante, sem muitos parâmetros, tornava o aprendizado mais lento, em meu entender”. Como resultados desses anos de experiência, ela afirma:

[...] alunos que começaram como alunos da Oficina de Violão, são hoje profissionais atuantes no mercado como professores e como performers. Outros, que tiveram orientação individual, mas que estagiaram na Oficina durante o curso de graduação, são profissionais competentes e críticos da sua atuação, de outros colegas e cursos (TOURINHO, 2003, p. 06).

Com isso, outros professores adotaram essa modalidade e um número significativo de trabalhos voltados a esse tema foi publicado. Tourinho (2003, 2007, 2010); Brazil (2011), Cruvinel (2004, 2008) escreveram orientações e propostas de aulas para professores de ensino coletivo de violão. No entanto, percebe-se que essa modalidade de ensino através do violão é

relativamente nova e que a mesma necessita se consolidar tanto na utilização de conceitos teóricos como na sistematização e disponibilização de métodos e materiais didáticos que contribuam com essa nova prática de ensino. Muitos professores de violão ainda não sabem por onde começar aulas coletivas pela falta de material didático-pedagógico apropriado.

1.3 Sobre o professor de ensino coletivo de instrumentos

Este estudo se propõe a uma avaliação diagnóstica capaz de apontar diretrizes para atuação dos professores diante da heterogeneidade das turmas, fato muito comum nas turmas do formato oficina. Sendo assim, é importante lembrar que o professor precisa ter algumas qualidades que o permita lecionar música para uma turma com um grande número de alunos. Dar aula de ECIM não é tarefa fácil e exige preparo pedagógico, psicológico e, claro, musical.

A figura do professor e a sua personalidade são requisitos que contribuem para uma atuação positiva em classe, segundo Bessom, Tatarunis e Forcucci (2006). Muitos dos defeitos de um professor seriam minimizados se o aluno gostasse do professor e acreditasse que a sua afeição estivesse sendo retribuída. Bom humor e carinho, maturidade e estabilidade emocional, conhecimento sobre o assunto que está ensinando e magnetismo pessoal é muito importante. (TOURINHO, 2003, p. 53).

O ensino coletivo agrega pessoas de todas as idades, níveis musicais e, em muitos casos, pessoas com diferentes tipos de deficiência, o que traz ao professor uma responsabilidade ainda maior, pois exige dele capacidade para trabalhar com todas essas diferenças de forma que agregue a todos com a mesma potencialidade. E sobre esse assunto, Viviane Louro (2006. p. 51) destaca:

Cada indivíduo- com deficiência ou não - é único, por esse motivo cada experiência vai exigir uma abordagem própria para resolver as dificuldades

pertinentes a cada um. De qualquer forma, o professor precisa estar preparado para receber a diversidade. E no que consiste esse preparo? Acreditamos que basicamente em informações. Um professor bem informado certamente saberá conduzir suas aulas de forma a driblar as dificuldades de um a maneira mais consciente de que um professor mal informado.

Em uma das turmas observadas tinha um aluno com síndrome de Down e outros com problemas motores. Por isso consideramos importante abordar a inclusão de pessoas deficientes dentro do ensino coletivo de violão na Fundação Curro Velho.

Outro ponto importante é quanto à aula desse professor. Para Tourinho (2010) “a aula de música precisa ser dinâmica, viva, não pode haver espaços “em branco”, o professor precisa ser assíduo, pontual, exigente, flexível... Um super professor! Precisa ser competente e conferir autonomia e possibilidade de participação ao estudante, e ainda assim manter o controle da classe”. Para Freire, é preciso que este profissional abranja efetivamente todos os níveis e situações, integre teoria e prática, seja instrumentista e possa lidar com a multiplicidade da cultura brasileira (FREIRE, 2001).

O papel do professor merece ser bem ocupado, pois ser professor é exercer uma função nobre e altamente responsável por outras pessoas. E o professor de música não pode ser diferente.

Um profissional bem preparado poderá não somente defender o “valor da música”, como diz Swanwick (2003), mas estará instrumentalizado para agir como músico- professor/professor-músico. Vai saber requisitar e fazer valer melhores condições para realizar o seu trabalho. Vai se manter atualizado com o que acontece em sua área. Vai ler, adquirir bibliografia, discutir e pensar de forma criativa na solução para os problemas que surjam. Sobretudo fará um trabalho musical, onde a manipulação instrumental seja um estágio e não uma finalidade. (TOURINHO, ENECIM, 2010).

Na próxima seção abordaremos o procedimento metodológico da pesquisa, bem como o contexto das oficinas que observamos na instituição Curro Velho. Também falaremos de inclusão e pedagogia musical no ensino coletivo.

2 COLETA DE DADOS

As oficinas do Curro Velho têm duração de três semanas com turmas com duas ou três aulas em cada semana. Nossa coleta foi feita em quatro aulas para cada turma dentro dessas três semanas, acompanhando o início, o meio e o fim de cada oficina.

Durante as aulas, registrávamos em escrito e foto o que ia acontecendo e o procedimento de cada professor, bem como a reação dos alunos e da turma de forma geral. Também fizemos registros em vídeos para a análise com mais calma posterior às aulas. Os professores responderam algumas perguntas via *e-mail* sobre o planejamento das aulas, o que nos ajudou bastante nas conclusões das análises.

2.1 As oficinas de violão

A Fundação Curro Velho oferece mais de 100 (cem) oficinas todos os meses durante o ano, as oficinas são ofertadas de forma livre e gratuita para alunos de escolas públicas de educação (Básica, fundamental e médio) e infocentros, sendo necessário apresentar somente o comprovante de matrícula no ato da inscrição. Para universitários, alunos de escolas particulares e demais pessoas é cobrada uma taxa de R\$ 20,00 (vinte reais) paga no ato da inscrição.

As oficinas de violão funcionam com turmas nas terças e quintas-feiras e outras nas segundas, quartas e sextas-feiras, nos turnos da manhã e tarde, com carga horária de 18 horas

para turmas de segunda, quarta e sexta e 12 horas para as turmas de terça e quinta-feira. As aulas das turmas observadas aconteceram nos seguintes horários:

Fig. 01: Quadro com os horários das oficinas de violão.

Quadro com os dias e horários das oficinas de violão das turmas observadas			
TURMA	Turma A	TURMA B	TURMA C
Dias da semana	Segunda quarta e sexta-feira	Segunda quarta e sexta-feira	Terça e quinta-feira
Horário	10H30 às 12H30	14H às 16H	8H30 às 10H30

Fonte: Rafael Aires

No Curro Velho há apenas uma sala para as aulas de música. A sala é ampla e possui tratamento acústico, mas as carteiras não são confortáveis e algumas não são apropriadas para o as aulas de violão. É recomendável para o ensino do violão, o uso de carteiras sem braço, pois sem carteiras apropriadas gera-se certo desconforto e mau posicionamento do aluno, comprometendo a execução do mesmo no instrumento. Esse é um ponto que precisa ser observado pela coordenação das oficinas para que os alunos tenham maior aproveitamento nas aulas.

Outro ponto importante sobre equipamentos básicos para o ensino do violão recomendado por todos os professores de violão em seus métodos de estudo é o uso do banquinho para apoio da perna esquerda. Infelizmente, não havia banquinhos suficientes para todos os alunos, o que acabou comprometendo a execução instrumental de alguns alunos. A falta de equipamentos fundamentais para o ensino do violão coloca em risco o resultado final da oficina e um desequilíbrio no aproveitamento da turma. Em aulas as coletivas são necessárias as

mesmas condições básicas para todos. Nas aulas de violão é necessário violão para todos, banquinho para todos e material didático para todos.

É muito importante que os instrumentos estejam em bom estado para o uso, para que o aluno consiga produzir um som agradável. Instrumentos em péssimo estado não nos dão uma clareza do real timbre e qualidade de som. Felizmente boa parte dos violões da Fundação está em bom estado. Veja na imagem a seguir os violões disponíveis nas oficinas.

Henrique Pinto¹ destaca em seu livro “iniciação ao violão”, que para ter um bom aproveitamento nos estudos são necessários um bom instrumento, carteira adequada e banquinho de apoio para a perna. Em termos de equipamentos para a realização das aulas de violão, a condição dos instrumentos é aceitável, enquanto que precisa melhorar em relação às carteiras e banquinhos de apoio.

A seguir, analisaremos as aulas de cada professor individualmente, atentando para as estratégias pedagógicas utilizadas por cada um deles.

3 RESULTADOS

A pedagogia para o ensino coletivo de violão no Brasil ainda está em processo de consolidação e construção, precisando de muitas análises e pesquisa específica para a área. Embora se veja o ensino coletivo de violão em muitos lugares, esse ensino tem sido muitas vezes se dado de forma improvisada ou por imitação a modelos de outros instrumentos, mas temos pouco material didático disponível para o ensino de violão coletivo.

¹ Henrique Pinto é um grande ícone do ensino do violão no Brasil, autor de várias obras para violão e transcrições de outros instrumentos.

Nossa pesquisa bibliográfica revelou que o ensino coletivo de instrumentos no Brasil é uma modalidade de ensino musical que está cada vez mais presente nas escolas e espaços musicais. Foi percebido em nossa pesquisa que há um interesse cada vez mais significativo em aprender algum tipo de instrumento musical, com isso as escolas têm se adaptado a essa nova demanda aderindo o ensino coletivo como solução.

Na pesquisa de campo chegamos a conclusão de que o processo de adequação ao ensino coletivo tem se dado de forma muito lenta e gradual, com algumas lacunas que merecem uma atenção maior por parte das instituições e professores para que essa modalidade não cresça de forma inadequada. Frisamos que questões como inclusão, heterogeneidade e nivelamento de idade são fatores que devem ser discutidos cuidadosamente para que o ensino coletivo aconteça de forma significativa em todos os lugares e para todas as pessoas.

Na Fundação Curro Velho destacamos que falta uma discussão acerca desses pontos pertinentes para que a instituição não seja responsável por problemas futuros em relação à formação musical dos alunos que por ali passam.

Foi possível observar que cada professor trabalha de forma diferente em aulas coletivas. Também observamos que a formação pedagógica influencia bastante na forma como o conhecimento musical será ensinado. Não há uma padronização ou direcionamento comum entre os professores. Cada um, dependendo de sua formação, e pela escassez de material didático, cria sua própria maneira de ensinar violão.

Embora ainda existam falhas tanto na gestão como por parte dos professores, consideramos importante e significativo à democratização do ensino musical proporcionado pela Fundação Curro Velho, pois muitos alunos realmente aprendem e continuam seus estudos, como vimos nos depoimentos dos professores entrevistados, mas essa pesquisa revela que falta uma atualização dos professores de violão acerca de inclusão e tratamento dos alunos em sala. Como vimos nas análises, os professores observados não davam a atenção devia para todos, e acabamos valorizando mais aqueles alunos com mais facilidade.

Esta pesquisa trouxe algumas estratégias metodológicas que funcionam e devem ser aderidas por todos os professores de violão, como: *a organização em círculo; o uso do material didático de forma correta; o uso de cifra na iniciação do ensino do violão; o cuidado com a escolha do repertório; a proposta de dividir a classe para tocarem a melodia, harmonia e o baixo da música, tendo como finalidade facilitar a execução daqueles que possuem algum tipo de dificuldade motora.* Vimos nas análises da **turma B** que o acolhimento é algo essencial no ensino coletivo e que deve ser observado pelos professores.

Nas aulas do **professor C** vimos que a comunicação é outro fator de suma importância em aulas coletivas. Vimos que a comunicação não pode ser direcionada apenas para grupo de alunos, mas para todos. **No professor C** também vimos que o uso do espaço é algo que deve ser valorizado, pois de acordo como o professor organiza a classe a circulação pode ser facilitada, possibilitando que o professor observe mais de perto a evolução individual dos alunos.

Por fim, este trabalho revelou que o ensino coletivo de violão nas oficinas da Fundação Curro Velho é democratizador e possibilita o acesso à música a muitas pessoas, mas a heterogeneidade das grandes turmas é um fator que tem acarretado alguns problemas que acabam surpreendendo os professores quando se veem diante de turmas tão complexas. As estratégias destacadas neste trabalho apontam para um aperfeiçoamento da pedagogia do ensino coletivo de violão e pretende auxiliar professores de instrumentos musicais a lidarem com os desafios encontrados diante da heterogeneidade das turmas.

4 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joel. **Rodas de conversa na prática do ensino coletivo de bandas.** In: Anais do II ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Goiânia: 2006.

Braga, Paulo. **Oficina de violão**: o que esperar das interações de um curso colaborativo a distância. Luís: Edufma, 2014.

BRAZIL, Marcelo. **Na ponta dos dedos**: exercícios e repertório para grupos de cordas dedilhadas. São Paulo: Digitexto, 2012.

CAMARGO, Ana Leal. **Adaptação idiomática ao piano**: uma experiência de ensino coletivo de instrumento complementar com alunos da UFBA. Tese de Doutorado. 330p. Salvador. UFBA, 2009.

CRUVINEL, Flavia M.; FIGUEIREDO, Eliane L. **O Ensino do Violão** – Estudo de uma Metodologia Criativa para a Infância. Goiânia: Monografia de Especialização, 2001.

CRUVINEL, Flávia. **Efeitos do ensino coletivo na iniciação musical como meio de transformação social**. Dissertação de mestrado. UFG, 2003.

ENCONTRO ANUAL DA ABEM. XII EABEM. 21 a 18 de Outubro de 2003. Florianópolis-SC. **Políticas públicas e ações sociais em educação musical**. Florianópolis: UDESC, 2003.

FUNDAÇÃO CURRO VELHO. Disponível em: <<http://www.currovelho.pa.gov.br>>. Acesso em: 16 de Maio de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed Luz e vida, 2001.

GURGEL, Veronica. Práticas de professores de violão em escolas parque de Brasília. **Anais do II SIMPOM**, 2012.

GREIF, Elza Lancmam. **Heterogeneidade na relação individuo-grupo-cultura no ensino e aprendizagem do choro no Bandão da Escola Portátil de Música**. Revista Música e Linguagem – Vitória/ES. Vol.1 nº 3 (2013), p.1-15.

LOURO, V.; ALONSO, L.; ANDRADE.; A. **Educação musical e deficiência**: propostas pedagógicas. São José dos Campos, São Paulo: Ed. Do Autor, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO et al. **Estratégias e orientações sobre artes:** respondendo com a arte às necessidades especiais. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria da educação especial, 2002.

MONTANDON, Maria Isabel. Ensino Coletivo, Ensino em Grupo: mapeando as questões da área. In: Anais do I ENECIM – **Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical.** Goiânia: 2004.

MORAIS, Carlos T. **Análise do perfil de acesso de turmas heterogêneas para derivar ações de mediação pedagógica.** Tese de doutorado, UFRGS, 2011.

OLIVEIRA, Pedro A. Dutra. **O ensino coletivo de instrumento musical:** explorando a heterogeneidade entre alunos de uma mesma turma. Revista: Espaço Intermediário, São Paulo, v.1, p.19-30, novembro, 2010.

PINTO, Henrique. **Antologia Violonística.** São Paulo: Ricordi Brasileira, 2007.

PINTO, Henrique. **Iniciação ao Violão:** Princípios Básicos e Elementares para Principiantes. São Paulo: 1978.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; PENNA, Maura. **Políticas públicas para a Educação Básica e suas implicações para o ensino de música.** Educação, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 91-106, jan./abr. 2012.

RODRIGUES, T.; BATISTA, P.; NOBRE, J. **Abrangência de oportunidades:** as contribuições do método de ensino coletivo de violino e viola. In: ANAIS DO I e II CEMUFPA- Congresso dos Estudantes de Música da UFPA. Belém-PA, 2012.

SANTOS, Carla Pereira dos. **Ensino coletivo e formação de grupos instrumentais:** propostas para o ensino-aprendizagem do violão no instituto de música Waldermar de Almeida. XVI Encontro Nacional da ABEM. São Paulo, 2008.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente.** Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho, São Paulo: Moderna, 2003.

TOURINHO, Ana. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. Trabalho apresentado no **XVI Encontro Nacional da ABEM e no Congresso Regional da ISME**, América Latina, em 2007.

TOURINHO, Ana Cristina. **Desafios atuais para o ensino coletivo de violão**: um relato pessoal. Luís: Edufma, 2014.

ZORZAL, Ricieri Carlini. **Estratégias para o ensino de instrumento musical**. São Luís: Edufma, 2014.